

A RELIGIÃO COMO FORMA DE EDUCAÇÃO

RELIGION AS A FORM OF EDUCATION

Dr. José Rinaldo Domingos de Melo

Resumo: O texto examina a conexão entre educação e religião sob uma perspectiva antropológica e epistemológica. Partindo do pressuposto de que a religião pode ser vista como um processo educacional, pelo qual um conjunto de saberes circula e é assimilado pelos indivíduos, contribuindo para a formação de identidades. O artigo tem como objetivo analisar a conexão entre educação e cultura, considerando alguns trabalhos de pesquisa que apontam para a religião como educação, bem como refletir sobre alguns desafios epistemológicos para repensar a educação e a pesquisa no campo de confluências entre educação, cultura e religião. O texto é resultado de uma pesquisa teórica-bibliográfica que utiliza algumas experiências de pesquisas que abordam a educação em ambientes religiosos, a fim de propor uma análise epistêmica sobre o status epistêmico dessas proposições. Conclui-se que a educação que se vivencia em templos religiosos é uma atividade que está ligada à criação da vida e à reprodução social, na qual os indivíduos criam sua subjetividade e dão continuidade à sua existência. A partir da realidade das diversas formas de vivência da experiência religiosa, é preciso considerar, também, que essas experiências requerem uma análise mais ampla, para além dos padrões puramente racionais ou técnico-científicos que são usados em tais análises.

Palavras-chave: Ensino, Epistemologia e Religião.

Abstract: The text examines the connection between education and religion from an anthropological and epistemological perspective. Starting from the assumption that a religion can be seen as an educational process, through which a set of knowledge circulates and is assimilated by individuals, contributing to the formation of identities. The article aims to analyze the connection between education and culture, considering some research works that point to religion as education, as well as reflecting on some epistemological challenges to offset education and research in the field of confluences between education, culture and religion. The text is the result of theoretical-

bibliographical research that uses some research experiences that address education in religious environments, in order to propose an epistemic analysis of the epistemic status of these propositions. It is concluded that education experienced in religious temples is an activity that is linked to the creation of life and social reproduction, in which individuals create their subjectivity and continue their existence. Based on the reality of the different forms of religious experience, it is also necessary to consider that these experiences require a broader analysis, beyond the purely rational or technical-scientific standards that are used in such analyses.

Keywords: Teaching, Epistemology and Religion.

INTRODUÇÃO

Ao analisar a conexão entre educação e religião, é comum identificar um primeiro ponto de vista que aproxima esses campos de estudo da escola e do ensino religioso praticado nesse contexto. Uma análise da história da educação no Brasil revela a conexão entre religião e educação, especialmente quando se considera que o processo de formação cultural e educacional no Brasil foi marcado pela presença marcante de diversas doutrinas religiosas. A conclusão da Carta de Pero Vaz de Caminha, enviada ao rei de Portugal, informando a descoberta das terras pela frota de Cabral, é clara ao afirmar que o maior investimento que se deve fazer entre os daqui será "salvá-los" (Oliveira et al., 2007, p.49). Dessa forma, a principal preocupação não foi educar a população em termos científicos ou literários, mas sim a perspectiva de unificação cultural através da imposição religiosa da tradição cristã.

Ao longo da história da educação no Brasil, é possível notar que a questão do ensino religioso foi um tópico recorrente nas discussões. Atualmente, conforme o artigo 33 da Lei 9.394/96, o ensino religioso é uma disciplina opcional que deve ser ministrada nas escolas públicas de Educação Básica (Brasil, 1996). A lei determina que essa disciplina deve assegurar "o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, proibida qualquer tipo de proselitismo" (Brasil, 1996, online). O primeiro parágrafo determina que os conteúdos programáticos a serem ensinados, bem como as regras para a habilitação dos professores de Ensino Religioso serão estabelecidas pelos sistemas de ensino (Brasil, 1996). Todas essas questões estão ligadas à questão da criação de um campo disciplinar - o Ensino Religioso - que requer a necessidade de reflexões e análises, muitas das quais

presentes nos diversos congressos e pesquisas da área. Todavia, o objetivo deste texto é analisar a perspectiva escolar que envolve o tema das relações entre educação, ensino e religião. Este estudo se insere em outro contexto analítico e tem como objetivo refletir sobre a conexão entre educação e religião sob uma perspectiva antropológica e epistemológica.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O texto é composto por uma pesquisa teórica-bibliográfica, que utiliza experiências de pesquisas que tratam da educação em ambientes religiosos, a fim de propor uma análise epistêmica sobre o status epistêmico dessas proposições. O texto apresenta três tarefas fundamentais para pensar a relação entre religião e educação. A primeira parte é estabelecer uma ligação entre educação e cultura, a partir de princípios teóricos da antropologia e da história da educação.

A segunda parte examina alguns estudos que abordam a abordagem da religião como forma de educação e reflete sobre o status epistemológico dessa ideia. Por fim, são apontados alguns obstáculos epistemológicos para repensar a educação e a pesquisa na área de conexão entre cultura, educação e religião.

RESULTADOS E DISCURSÕES

Processos culturais de socialização dos saberes e a educação.

Ao esclarecer as complexas conexões entre educação e cultura, Forquin (1993), menciona uma função essencial da educação, que é a de transmitir a cultura. A transmissão da cultura é, dessa forma, um elemento indispensável de toda ação educativa. Ele: A educação, seja no sentido mais amplo, de formação e socialização do indivíduo, seja restrito apenas ao âmbito escolar, é preciso reconhecer que, se toda educação é a educação de alguém por alguém, ela também é a comunicação, a transmissão e a aquisição de algo: conhecimentos, competências, crenças, hábitos e valores. Esses são os elementos que compõem o que se chama de 'conteúdo' da educação (Forquin, 1993, p.10).

De acordo com Forquin (1993), os processos de educação e socialização do indivíduo são responsáveis pela amplitude da educação, bem como pela interação educativa específica entre indivíduos.

Esse conceito torna possível ver a educação para além da escola, como um local restrito para pensar e realizar a prática educativa. A partir deste ponto, é possível realizar uma expansão teórica da educação para todos os ambientes em que haja formação e socialização do indivíduo, permitindo uma conexão com outros campos, como a religião. O deslocamento conceitual da educação para outros lugares pode ser visto de forma clara em Carlos Rodrigues Brandão, no seu livro. A educação como cultura. Para o escritor: A religião, assim como a educação, é um espaço de trocas de bens, de serviços e de significados entre as pessoas. As agências culturais de trabalho religioso, assim como as da educação, envolvem hierarquias, distribuição desigual do poder, inclusões e exclusões, rotinas, programas de formação seriada de pessoal e diferentes estilos de atividades diárias (Brandão, 2002, p.152).

É possível notar em Brandão (2002) uma visão inicial da religião como forma de educação. A partir de uma perspectiva antropológica que enxerga a educação como uma cultura, o escritor enxerga as religiões como ambientes altamente educativos, pois são "local de troca de bens, serviços e significados" (p.152). Assim, templos, terreiros e igrejas têm como característica a troca e transmissão de um conjunto de saberes que possibilitam a disseminação de significados de cunho pedagógico. De acordo com Brandão (2002, p.143), "de alguma forma, é ensinado e aprendido o que é crucial para a transformação de indivíduos biológicos em indivíduos sociais". O conceito de educação aqui mencionado é bastante amplo e abrange: O aprendizado constante e contínuo a respeito dos conceitos de sentido de vida e compreensão do mundo; das técnicas de produção de bens da vida; das gramáticas sociais que definem a ordem dos relacionamentos em cada um dos campos de interações humanas, e 'criam' atores culturais submetidos (às vezes nem tanto) aos seus sistemas de valores, de preceitos, de normas e de regras diretas do agir humano. Tudo o que se refere à educação, ainda que ela não seja a educação pensada, prevista, formatada (tornada uma norma de ação) e realizada no seu lugar preferencial: a escola, segundo a sua versão ocidental, da Grécia até nós (Brandão, 2002, p.143).

Segundo Brandão (2002, p.151), a religião Candomblé desempenha um papel de formação de identidades culturais e formadores de tipos de indivíduos sociais por meio da confissão e prática religiosa, configurando-se como uma prática educativa. Por prática educativa, entende-se toda relação na qual ocorre a transmissão de conhecimento em suas diversas formas de ser, seja ele moral, religioso ou escolar; conhecimentos esses que

podem se manifestar em diversos ambientes socioculturais. No entanto, a Pedagogia tem negligenciado em grande parte a compreensão dos processos culturais de socialização, além dos conhecimentos formais e escolares, de acordo com Brandão (2002).

Segundo Brandão (2002, p.151), é possível que o campo das políticas, práticas e estudos relacionados à educação tenha se fechado excessivamente e se estreitado excessivamente. É importante, portanto, incentivar essa abertura para considerar os métodos de ensino presentes na vida social como complexos e multifacetados. Com base nisso, de acordo com Libâneo (1999, p.63), eles não podem ser examinados apenas sob uma perspectiva e muito menos reduzidos à esfera escolar. Se, como aponta Brandão (2002, p.155), a pedagogia pode ser pensada como uma ecologia da pessoa humana, é preciso, portanto, considerar a necessidade de ampliar os seus pressupostos e refletir sobre os diversos processos pelos quais as práticas educativas são vividas.

Na área educacional, uma proposta, ainda que tímida, tem uma certa base na história da educação. Com base nos últimos estudos realizados sobre a produção em História da Educação, a historiadora Fonseca (2003), afirma que as pesquisas têm se direcionado para a chamada Nova História, especialmente em relação à História Cultural. Contudo, apesar do caminho percorrido, há uma clara ênfase em tópicos bastante antigos da História da Educação, mesmo que agora tratados de maneira renovada, como é o caso da história das instituições escolares e seus desdobramentos (Fonseca, 2003 p.60).

Dentre os chamados novos objetos, no Brasil, Fonseca (2003, p.61) ressalta que tem predominado "a história da leitura e dos impressos, sobretudo os escolares, a história da profissão docente, os processos de escolarização, a cultura escolar e as práticas educativas e pedagógicas". Dessa forma, percebe-se que, apesar das mudanças ocorridas, o âmbito do ambiente escolar tem sido o foco das pesquisas, o que reforça a necessidade de "extravasar o mundo da escola para o enfrentamento de outras dimensões dos processos e das práticas educativas" (Fonseca, 2003, p.67). Diversos historiadores têm sugerido, dentro da história cultural, a possibilidade de considerar práticas e ambientes variados como influenciadores de subjetividades. Além do ambiente escolar tradicional, a história cultural aborda os comportamentos coletivos, as sensibilidades, as imaginações, os significados dos objetos (como livros), ou das instituições e práticas de sociabilidade. Dessa forma, Ginzburg (1998, p.220), refere-se ao moinho em que Menocchio, personagem principal de: "O queijo e os vermes", é "um lugar de encontros, de relações sociais [...]." Um ambiente para troca de ideias, semelhante à taberna e à loja.

De acordo com Fonseca (2003, p.67), a vantagem de se considerar a História da Educação sob a perspectiva da história cultural é a possibilidade de mudar o foco, ou seja, "a transição das instituições para as pessoas, das políticas governamentais ou do pensamento pedagógico para práticas cotidianas que podem ser interpretadas como uma história geral".

Dessa forma, ao lado das experiências que são marcadas por referências escolares, é importante também observar os processos educativos que ocorrem de forma dispersa e, às vezes, sutis (Fonseca, 2003), que marcam a vida de diferentes grupos. A fim de lidar com essa perspectiva de educação que ocorre na vida diária, a escritora sugere a utilização da noção de mediadores culturais ou passeurs culturels, aludida no estudo do historiador Gruzinski (2003). Esses objetos são "elementos, pessoas, objetos - que atuam como mediadores entre tempos e espaços diferentes, contribuindo para a criação e a circulação de representações e do imaginário" (Fonseca, 2003, p.68).

A utilização da noção de mediadores culturais pode ser uma ferramenta valiosa para analisar a religião como uma forma de educação, uma vez que atuam como catalisadores de ideias, o que poderia ajudar a compreender sua função na criação, disseminação e organização de significados educacionais em um contexto cultural complexo como a religião. As contribuições que surgem dos estudos sobre a educação em sua interface com a antropologia e com a história cultural ajudam a compreender a religião como um processo educativo, no qual um conjunto de conhecimentos é posto em circulação e apreendido, o que contribui para a formação de identidades. Por saberes, compreende-se as vivências, saberes, maneiras de pensar, ser e agir que se manifestam em diversos ambientes onde ocorrem experiências de aprendizado. É o caso, por exemplo, das escolas, feiras, casas de farinha, quintais, museus, narrativas míticas e, em particular, dos templos, terreiros e igrejas.

Na mesma linha de análise, sustenta-se que a educação recebida em ambientes religiosos está intimamente ligada à criação da vida e à reprodução social, na qual indivíduos criam sua subjetividade e perpetuam sua existência. Com essas experiências, um conjunto de conhecimentos e códigos é transmitido e aprendido, configurando-se como situações de comunicação e aprendizado. Assim como a educação escolar, as religiões têm seus próprios planos de formação, currículos, critérios de avaliação e hierarquias. O que se pode notar com os resultados de algumas pesquisas que serão apresentadas a seguir.

Religião como educação: experiências de estudo e reflexões epistemológicas.

É significativo o número de pesquisas relacionadas às religiões, geralmente realizadas em cursos de antropologia, ciências religiosas ou teologia. No entanto, a interpretação das religiões como espaços educativos ainda é bastante limitada. Em parte, esse limite se dá por conta de uma certa compreensão sobre a escola formal como um espaço único do saber no âmbito da ciência pedagógica. No entanto, apesar dos poucos estudos que abordam as conexões entre religião e educação, é importante destacar o artigo de Fonseca (2006), que se dedica ao estudo das práticas educacionais da religião Candombe do Açude em Minas Gerais. A educação no terreiro é expressa por meio da explicação mítica da realidade, da linguagem metafórica, do valor da palavra e das tradições, do respeito aos mais velhos e ancestrais, da importância da mãe, dos cânticos como forma de conhecimento, entre outras formas.

O artigo de Tramonte (2006), que, ao analisar a religiosidade afro-brasileira, entende os terreiros como locais que "tem uma função educativa nos planos intercultural e ambiental, normatizando hábitos e criando valores éticos junto aos seus membros". A conexão entre ecologia e espiritualidade é crucial para a comunidade de santos, já que "a falta de equilíbrio dos elementos naturais resulta em falência espiritual" (p.7). Nessa perspectiva, a prática religiosa desempenha uma função educacional relevante no que diz respeito à conscientização sobre questões ambientais, resultando em iniciativas no cotidiano ritual e material que visam a uma maior conservação da natureza, que está constantemente ameaçada pela crescente urbanização da sociedade e sua consequente degradação.

Mota Neto (2008), questiona como, durante as práticas religiosas diárias de um terreiro de Tambor de Mina na Amazônia, são implementados procedimentos educativos para a criação e disseminação de saberes culturais. Dessa forma, o foco é a análise das práticas educativas desenvolvidas no cotidiano do terreiro e do processo de construção e transmissão desses conhecimentos. Com base nas técnicas da pesquisa etnográfica realizada na Casa de Mina Estrela do Oriente, na cidade de Benfica (PA), o autor traça um perfil antropológico do terreiro, considerando-o como um espaço educativo onde circulam diferentes saberes culturais: saberes da prática religiosa e ritual, ensinamentos morais, saberes ancestrais dos encantados, histórias míticas, fundamentos religiosos

(preservados pelo uso do segredo), bem como fórmulas, receitas e códigos provenientes das tradições históricas dessa religião.

De acordo com essas pesquisas, Albuquerque (2011), examina a religião do Santo Daime como um ambiente educativo que abriga uma variedade de saberes, com destaque para os saberes ecológicos, cognitivos, medicinais, estéticos e existenciais. Ao traduzir uma antiga tradição indígena, o Santo Daime é entendido como uma escola com uma proposta pedagógica, um conteúdo de ensino (saberes), um método, uma visão de conhecimento e uma forma de disciplinar. Nos ensinamentos do Santo Daime, os conhecimentos não são transmitidos pelos humanos, como é costume nas formas ocidentais de educação, mas sim pelas plantas, que se materializam na bebida daime. Os conhecimentos que moldam os hábitos de vida dos indivíduos são, portanto, originados de certas plantas que possuem inteligência, as quais são frequentemente referidas como plantas mestre, professoras ou doutoras. Tal fato é uma heresia epistemológica, uma vez que vai de encontro à epistemologia ocidental moderna, que tem como foco apenas a experiência entre humanos - e raramente entre plantas e humanos. Nesse aspecto, este estudo mostra que nem mesmo as mais críticas teorias do currículo foram capazes de conceber processos de aprendizagem realizados por meio da mediação de seres não humanos, como os ocorridos através do Santo Daime e de outras religiões mediúnicas.

Até o momento, essas pesquisas indicam um primeiro ponto de vista sobre a ideia de utilizar a religião como meio de ensino. É uma perspectiva de análise que permite identificar semelhanças entre os dois termos, permitindo um deslocamento das ferramentas teóricas e de alguns objetos já conhecidos da pesquisa educacional para o campo religioso, como é o caso dos estudos que procuram identificar as formas de expressão educativa, função educacional, conteúdo ou saberes circulados, sujeitos da educação, formas de disciplinamento, dentre outros. Essas pesquisas apresentam uma inovação ao ampliar o olhar sobre a educação em sua conexão com a religião, revelando particularidades que talvez não tenham sido suficientemente analisadas ou que ainda não tenham sido estudadas.

Todavia, outro ponto de vista da proposta em discussão convida à reflexão e ao repensar sobre a pesquisa sobre o fenômeno religioso, pois, ao se considerarem as diversas formas de vivência da experiência religiosa, é preciso também considerar que essas experiências requerem uma análise mais ampla para além dos padrões apenas racionais ou técnico-científicos.

Portanto, é crucial estar atento aos múltiplos procedimentos de compreensão da religião, pois sem esse cuidado, a pesquisa pode ser incapaz de identificar e descrever objetos, processos, estruturas e relações de forma imparcial e objetiva, ignorando o que, de acordo com Cottingham (2008), define a essência da religião ou seu verdadeiro lugar na vida humana: o primado da prática.

Ao contrário da atividade intelectual de avaliar proposições, esse processo de mudanças internas me parece fundamental para compreender a essência não somente da espiritualidade, mas também da religião como um todo. A mesma coisa vale para qualquer explicação plausível da tradição dos exercícios espirituais, mas é mais comum para qualquer compreensão verdadeira do papel da religião na vida humana. É importante reconhecer o primado da prática, a relevância crucial atribuída à inserção de um indivíduo numa trilha de auto transformação prática, de preferência (digamos) a se dedicar ao debate intelectual ou à análise filosófica (Cottingham, 2008, p.22).

De acordo com Cottingham (2008), a teoria do primado da prática sustenta que, em primeiro lugar, o aprendizado das crenças religiosas se baseia em um envolvimento prático do indivíduo, o que o leva a se transformar internamente, em vez de apenas compreender teóricos dessas crenças. Essa afirmação sugere algumas questões para o ensino e para a pesquisa no campo da religião como educação, pois o estudo da experiência religiosa como experiência educativa tem como objetivo ir além da ideia de pesquisar ou ensinar os principais conceitos e ritos que estão presentes nos diversos cultos e práticas religiosas.

No final das contas, quando se trata de vivências religiosas, estamos diante de circunstâncias existenciais que requerem uma complementação ou expansão do envolvimento investigativo, além do âmbito acadêmico. O que o primado da prática indica é que a discussão intelectual ou a análise filosófica são elementos cruciais para se considerar a ideia de considerar a religião como uma forma de educação. No entanto, a formação do indivíduo religioso não se resume a um aprendizado teórico abstrato seguido da transmissão de complexos sistemas intelectuais. Essa experiência insere o indivíduo num processo prático de transformações pessoais, cuja interioridade está sendo modificada, o que abre uma brecha para a compreensão da essência da religião.

Esta brecha de investigação se dedica à investigação da dimensão educativa da religião, uma vez que as práticas religiosas se constituem epistemologicamente como formas de aprendizado. Dessa forma, seguindo o princípio da práxis, que sugere que a essência do entendimento religioso é que ele se origine mais do que da análise intelectual, segue-se um caminho alternativo para compreender a essência da religião.

Portanto, o envolvimento prático não pode ser realizado fora de uma atividade social comum. Quando se busca refletir sobre a natureza educativa da religião, a pesquisa se torna uma ferramenta investigativa valiosa com base na prática. A partir deste momento, outras questões podem ser levantadas, aumentando as hipóteses de pesquisa sobre a religião como meio de educação. Uma pergunta inicial despertaria a atenção para as condições epistemológicas para a formação do indivíduo religioso e para a dimensão educativa do contexto social que envolve o compromisso com as transformações pessoais do praticante. Sob o ponto de vista da prática, essas questões vão além das descrições das atividades educativas, formas de expressão, conteúdos, saberes, etc.; trata-se de examinar, por exemplo, o processo hermenêutico e existencial envolvido nas questões relacionadas à experiência religiosa. Os autores deste estudo consideram o processo hermenêutico e existencial de compreensão das questões que envolvem a experiência religiosa como um problema educacional. A crítica à tradição hermenêutica acadêmica feita por Lévinas (2003, p.16), ao esclarecer sua perspectiva de interpretação das escrituras do Talmud, transcrição oral da sabedoria do judaísmo.

Hoje em dia, invocar a liberdade e o não-dogmatismo na exegese implica em aderir ao método histórico ou aprofundar a análise estruturalista, quando se trata de um texto que trata de dados religiosos e é imediatamente classificado como literatura mítica. Ninguém é capaz de negar as lições da história. Entretanto, acreditamos que elas não são suficientes para suprir todas as necessidades. Tomamos o texto talmúdico e o judaísmo, que é representado por seus ensinamentos e não pelo tecido mitógeno de suas sobrevivências.

A crítica levinasiana sustenta que a fé permite ter acesso imediato à sabedoria talmúdica, e essa condição epistemológica os modernos hermenêutas perderam; por isso, tratam-na como mitologia, sendo incapazes de extrair dessa mitologia os fatos sem recorrer aos métodos históricos. Mas há uma questão relevante que Lévinas (2003 p.19), aponta: "a existência de uma tradição ininterrupta, que se dá exatamente através da transmissão e do comentário dos textos talmúdicos, os comentários cavalcando os próprios comentários". Essa questão é crucial, pois é através da união da fenomenologia com a tradição de interpretação que o filósofo cria suas interpretações e acessa os conhecimentos religiosos do Talmud em seus aspectos mais significativos em relação aos desafios atuais.

O exemplo levinasiano revela uma educação hermenêutica que é própria da tradição interpretativa dos textos talmúdicos, da qual o filósofo se valeu para realizar as leituras dessas escrituras. Dessa forma, pode-se concluir que uma religião tem uma filosofia própria para lidar com suas questões, e que a entrada do indivíduo nessa tradição pode implicar uma (re)formação do olhar ou uma educação hermenêutica que dê a ele o acesso adequado a esses conhecimentos.

Sendo assim, o acesso aos ensinamentos sagrados pode ser dividido de acordo com o espaço em que ocorre: o campo de estudo da hermenêutica dos livros sagrados de tradição acadêmica e o contexto da própria tradição religiosa. Seguindo as orientações levinasianas, percebe-se, no Talmud, a existência de dois tipos de educação hermenêutica, com bases epistemológicas e metodológicas diferentes: a educação hermenêutica de tradição acadêmica, com predominância do método histórico ou estruturalista para a leitura dos livros sagrados; e o método hermenêutico próprio da tradição religiosa. Por um lado, os métodos históricos permitem ao pesquisador das experiências religiosas, dentre outras possibilidades, aliviar o peso das argumentações em defesa da essência ontológica dos elementos dos discursos religiosos. Isso quer dizer abandonar os atos metafísicos que dizem respeito ao estado ontológico dos personagens do discurso teológico pode significar, dessa forma, uma recuperação dos signos e das anunciações que estão ligados à história de uma tradição religiosa. Sem a sua carga metafísica, os objetos religiosos se tornam figuras para uma perspectiva de interpretação da vida (Gargani, 1997, p.137, grifo do autor).

Segundo os autores deste estudo, a recomendação de Gargani (1997, p.138), agrada aos estudiosos céticos ou pouco interessados na investigação da natureza ontológica das entidades a que se referem os discursos religiosos, considerando a transcendência como um "ponto crítico de atividade interpretativa no interior do fluxo dos fenômenos da vida e da história". Essa perspectiva torna-se complexa, uma vez que não se sabe se há riscos ou vantagens em enquadrar os signos de uma experiência religiosa numa semiótica de secularização. Ferraris (1997, p.205), mantém a suspeita de que tal enquadramento não passa de uma "salvação" dos "mitos" da religião, uma vez que "pode ser que a secularização queira salvar uma teologia moral e uma teologia política." Essas questões alertam para a abordagem hermenêutica adequada para as entidades metafísicas presentes nos discursos religiosos.

Especialmente quando os métodos históricos buscam minimizar o peso ontológico das argumentações por meio de interpretações históricas sem o uso epistemológico da fé. Observa-se, conforme Lévinas (2003), que a compreensão da educação hermenêutica mencionada está relacionada à aceitação de um conjunto de comentários próprios, característicos de uma tradição religiosa, que permitem acessar os conhecimentos sagrados de maneira autêntica, de acordo com sua própria epistemologia. Entretanto, essa educação não se limita apenas à leitura dos textos ou autores autorizados pela própria tradição religiosa. A educação hermenêutica também envolve a implementação de métodos que incentivem mudanças no indivíduo, a fim de que ele possa acessar adequadamente os conhecimentos religiosos, de acordo com a perspectiva epistêmica tradicional.

Considerando a educação espiritual védica, Goswami (2002, p.28) resume a epistemologia dessa tradição: Os shastras (Escrituras) são considerados a palavra da divindade suprema (Ísvara, Narayana) e, por isso, são considerados verdades axiomáticas. Em outras palavras, não é necessário comprovar as verdades já reveladas nos Vedas. Além disso, é dever ser compreendido a causa de todas as causas não através do conhecimento material ou da conjectura mental independente, mas sim por meio de uma orientação espiritual autorizada. Os segredos mais profundos da vida espiritual, transmitidos de guru (mestre) a sísyas (discípulos), são acessíveis a todos, sem distinção de classe social ou de nascimento.

Para adquirir conhecimento espiritual, o praticante deve seguir as diretrizes para purificação fornecidas pelo mestre. Os princípios fundamentais dos Vedas referem-se à aquisição do conhecimento transcendental. Este exemplo de educação védica evidencia a importância epistemológica da fé como elemento fundamental para o aprendizado de conhecimentos espirituais, algo que frequentemente é negligenciado pelos métodos históricos e estruturais. À primeira vista, a aceitação de verdades axiomáticas, sem a necessidade de serem comprovadas, pode deixar qualquer pesquisador acadêmico em dúvida. Contudo, ele possui uma lista de verdades e crenças fundamentais que não foram comprovadas, as quais são essenciais para uma investigação científica, ou seja, todas as suas afirmações precisam ser justificadas exaustivamente. A educação védica é uma condição epistemológica básica, assim como a aceitação das escrituras como palavra de Deus; é a fé em um mestre espiritual que é oriundo de uma corrente de sucessão discipular, pertencente a uma tradição de interpretação de textos sagrados. Esses são os pontos de partida epistemológicos, que oferecem as condições de acesso ao conhecimento espiritual nesta tradição. Esses elementos formam uma educação hermenêutica, mas

fundamental que o praticante de védico realize práticas purificantes, as quais o capacitam a acessar e interpretar experiencialmente o conhecimento transcendental. Essas práticas purificadoras são uma grande fonte de estudo ou objeto de análise para o entendimento de uma educação hermenêutica nos termos próprios de uma tradição religiosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto tem como objetivo salientar que, apesar do progresso na estreitamento das conexões entre educação e cultura, tal dogmática ainda é considerada fundamentalmente como cultura escolar. Sendo assim, é caracterizada pela escrita, em detrimento da oralidade, e pelo saber acadêmico, em detrimento do saber da experiência, do cotidiano e dos saberes culturais. A Pedagogia é uma das disciplinas reconhecidas como saberes que se limitam aos conhecimentos escritos, organizados e escolares. Sendo assim, ela é a responsável pelas mesmas linhas abissais que conformam a ciência moderna, uma vez que demonstra um discurso teórico e uma prática educativa que se concentra na escola, considerada o único espaço da educação e da produção de conhecimento.

A predominância de um modelo pedagógico moderno tem, às vezes, impedido a discussão sobre a forma como as pessoas aprendem e vivem a transcendência. Em geral, nas aulas de ensino religioso ou nos cursos de Ciências da Religião, os estudantes aprendem a forma científica de ver as religiões e o que devem aprender com ou sobre elas. Dessa forma, muitas vezes os estudantes estudam as suas próprias religiões ou as outras, seguindo critérios estritamente racionais ou técnicos-científicos, o que mostra a superioridade desse modelo em relação a outras abordagens. Assim, a compreensão da religião como uma forma de educação requer alguns obstáculos epistemológicos. O primeiro desafio é considerar a educação em seu sentido amplo, incluindo tanto os conhecimentos escolares quanto os produzidos nas práticas socioculturais diárias. Assim como a escola, onde os conhecimentos são, sem dúvida, importantes e essenciais, a vida social também é um campo de aprendizagem, muitas das quais negligenciadas ou ignoradas pela própria ciência pedagógica, aprisionada em suas próprias concepções limitadas.

Nessa perspectiva, há muitas críticas pós-coloniais, que demonstram que, apesar da independência política em diversos países do mundo, ainda há a dominação epistêmica de matriz colonial, que se manifesta, entre outras coisas, na subordinação ou extinção do saber do outro, tido por vezes como supersticioso, perigoso ou irracional, devendo ser

suprimido ou substituído por um mais racional e escolar.

A análise da epistemologia das práticas educativas em ambientes religiosos, bem como dos seus saberes e gramáticas próprios, formam um campo de estudo próprio, uma vez que toda religião tem uma dimensão educativa fundamentada em uma lógica epistêmica própria. São comuns nessa área questões como: Qual é o conteúdo dos saberes difundidos em diversas manifestações religiosas? Como se dá o acesso ao conhecimento espiritual que elas ensinam? Quem é o professor? Qual a forma de disciplinamento, as interdições ou tabus que permeiam e, às vezes, condicionam as aprendizagens? Qual é o papel da palavra ou do silêncio em uma educação religiosa específica? A partir da diversidade de estudos do mundo, bem como das especificidades culturais e cognitivas da Amazônia, a elaboração de uma epistemologia das práticas educativas em ambientes religiosos locais - que se caracterizam menos pela cultura escrita ou letrada do que pela tradição oral - requer a consideração de alguns aspectos, dentre os quais se destacam:

A valorização da oralidade, pois é nela que, em geral, se baseiam os conhecimentos da experiência, o que os deixa, quase sempre, fora do mundo da escola, limitado aos saberes escritos. Além dos códigos escritos, é preciso levar em conta as diversas maneiras de interpretar o mundo e a natureza, que podem variar de acordo com cada cultura. Uma vez que a tradição oral se fundamenta na memória, esta é um elemento fundamental da educação. Por meio da oralidade, a memória é constantemente atualizada e, conseqüentemente, os momentos de aprendizado são momentos de atualização da cultura. É importante destacar a função educativa que o canto desempenha em diversas práticas religiosas.

A transmissão do saber é feita de diversas maneiras: através da imitação de comportamentos, dos relatos orais, do canto, dos mitos e histórias sagradas, dos sonhos, dentre outras. Além disso, destacam-se os processos mediúnicos de aprendizagem, em que espíritos ou encantados se comunicam com os sujeitos, transmitindo-lhes conselhos e ensinamentos diversos, ou ainda a escuta com fé a um mestre espiritual, que é própria da tradição védica. Pode-se aprender tanto em uma escola formal como em um barracão, numa casa de farinha, num estaleiro naval, em terreiros, hospitais, igrejas, nos rituais de alimentação, dentre tantos outros lugares. Dessa forma, não há um local adequado para a produção, circulação e apropriação do saber. Em qualquer lugar há a possibilidade de se obter conhecimento.

Por fim, os autores deste trabalho acreditam que a análise da dimensão educativa da religião e a educação hermenêutica (prática e teórica) para o acesso aos conhecimentos religiosos são elementos que podem ser incorporados à epistemologia da educação das religiões, o que, ao ser incorporado ao ensino religioso, seria benéfico para os estudos e pesquisas nesse campo. Se cada estudante, com base em sua própria vivência religiosa, soubesse como acessar (de forma prática e teórica) os conhecimentos espirituais ou compreendesse os métodos de aprendizado próprios de sua religião, isso estimularia a valorização de seus conhecimentos culturais, tornando a escola e a educação mais próximas de sua vida. A religião ou a religiosidade não seria, dessa forma, uma outra dimensão da vida, que deve ser deixada de lado quando se entra na escola ou na universidade, mas, ao contrário, uma porta para a compreensão de uma parte essencial da natureza humana.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, M.B. Epistemologia e saberes da ayahuasca. Belém: Eduepa, 2011.
- Brandão, C.R. A educação como cultura. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- Brasil. Presidência da República. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996. Disponível em <Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm#art33>. Acesso em: 10 maio 2013.
- Cottingham, J. *A dimensão espiritual: religião, filosofia e valor humano*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- Ferraris, M. O sentido do ser como rasto ôntico determinado. In: Derrida, J.; Vattimo, G. (Org.). *A religião*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997. p.203-235.
- Fonseca, M. Educação pelos tambores: a transmissão da tradição oral no Candombe do Açude. In: Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 6., 2006, Uberlândia. Anais... Uberlândia: UFU, 2006. p.4935-4948.
- Fonseca, T.N.L. História da educação e história cultural. In: Veiga, C G.; Fonseca, T.N.L. (Org.). *História e historiografia da educação no Brasil* Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p.4375.
- Forquin, J.C. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

Gargani, A.G. A experiência religiosa como acontecimento e interpretação. In: Derrida, J.; Vattimo, G. (Org.). *A religião* Lisboa: Relógio D'Água Editores , 1997. p.133-161.

Ginzburg, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Goswami, S.D Introdução à filosofia védica. 2.ed. Brasília: Associação BBT Brasil, 2002.

Gruzinski, S. *A colonização do imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol, séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras , 2003.

Lévinas, E. *Quatro leituras talmúdicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

Libâneo, J.C. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 2.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

Mota Neto, J.C. *A Educação no cotidiano do Terreiro: saberes e práticas culturais do Tambor de Mina na Amazônia*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências Sociais e Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2008.

Oliveira, L.B. et al. *Ensino religioso no ensino fundamental* São Paulo: Cortez ,2007.

Tramonte, C. Educação intercultural ambiental e religiosidade afro-brasileira. In: Seminário Internacional Educação Intercultural, Movimentos Sociais e Sustentabilidade, 3., 2006, Florianópolis Anais eletrônicos... Florianópolis: UFSC, 2006. p.1-21. Disponível em: <Disponível em:<http://www.rizoma3.ufsc.br/textos/363.pdf>>. Acesso em: 11 dez. 2007

Mini Currículo do Autor

Possui Graduação em Direito, Engenheiro de Segurança do Trabalho, Engenheiro Civil, com registro no Crea-PE, Mestrado Acadêmico em Ciências da Educação, Juramentado e Legalizado pelo Apostilamento de Haia, Doutorado Acadêmico em Ciências da Educação, Juramentado e Legalizado pelo Apostilamento de Haia, Pós-Graduado em Engenharia Ambiental e Sanitária, Licenciado em História, Licenciado em Biologia, Graduado em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Licenciado em Matemática, Bacharel em Educação Física, Licenciado em Educação Física, Graduado em Processos Gerenciais, Graduado em Gestão da Tecnologia da Informação, MBA em Gerenciamento de Projetos de TI, Bacharel em Teologia Livre, Pós-Graduado em Direito Penal e Processual Penal, Pós-Graduado em Direito Público: Constitucional, Administrativo e Tributário. Pós-Graduado em Direito Notarial e Registral, Pós-Graduado em Ensino de Matemática e Física, Pós-Graduado em Direito Eleitoral, Pós-Graduado em Engenharia Ambiental, Pós-Graduado em Engenharia Civil: Sistemas Construtivos de Edificações, Mestrando em Ciências das Religiões, Pós-Graduado em Educação Física Escolar, Pós-Graduado em Nutrição Esportiva e Treinamento Físico, Pós-Graduado em Ensino de Biologia, Mestrando em Engenharia Civil, Pós-Graduado em Engenharia Geotécnica, Pós-Graduado em Georreferenciamento de Imóveis Rurais, Pós-Graduado em Engenharia de Avaliações e Periciais, Pós-Graduado em Direito do Trabalho e Processual do Trabalho, Pós-Graduado em Ciências da Religião, Pós-Graduado em Direito Previdenciário, Pós-Graduado em Direito Civil e Processual Civil, Pós-Graduado em Saneamento, Pós-Graduado em e Sucessões, Pós-Graduado em Direito da Mulher, Pós-Graduado em Direito Aplicado ao Exercício da Advocacia, Pós-Graduado em Documentoscopia com Ênfase em Perícia Judicial, Pós-Graduado em Direito Penal Militar, Pós-Graduado em Direito Constitucional, Pós-Graduado em Direito da Criança, do Adolescente e do Idoso, Pós-Graduado em Direito Homoafetivo e de Gênero, Pós-Graduado em Justiça Restaurativa e Mediação de Conflitos, Pós-Graduado em Coaching Jurídico, Pós-Graduado em Direito de Família e Sucessões. Curso de Proficiência em Espanhol e Inglês, Extensões Universitária em Conflitos Internacionais, Grego Instrumental, Educação Continuada, Educação Ambiental, Bases Legais do Sus, Inglês Instrumental, Instituto Fundamentais do Processo, Criança e Adolescente em Situação de Risco, Direito do Consumidor, Filosofia, Diversidade nas Organizações, Empresa Simples de Crédito, Negociação Para Advogados, Novas Formas de Trabalho, Os Efeitos do Coronavírus 19 no Contrato de Trabalho, Direito de Família, Desenvolvimento Profissional, Reforma do CPP, Contratação de Trabalhadores, Aspectos Jurídicos do Assédio Moral no Âmbito da Administração Pública, Noções de Administração Pública,

Noções de Tributário, Direito Administrativo e do Trabalho Direito a Assistência Social, Pacote Anticrime, Estado Democrático de Direito e Direitos Fundamentais, Direito Administrativo, Ações Constitucionais. Tem experiência na áreas de Direito Ambiental, Engenharia Ambiental e Educação, Atualmente sou Docente do Governo de Pernambuco e da Secretaria de Educação de Jaboatão-PE, onde exerço o magistério, tenho Proficiências em Inglês e Espanhol, nível B1 pelo o IFRN.